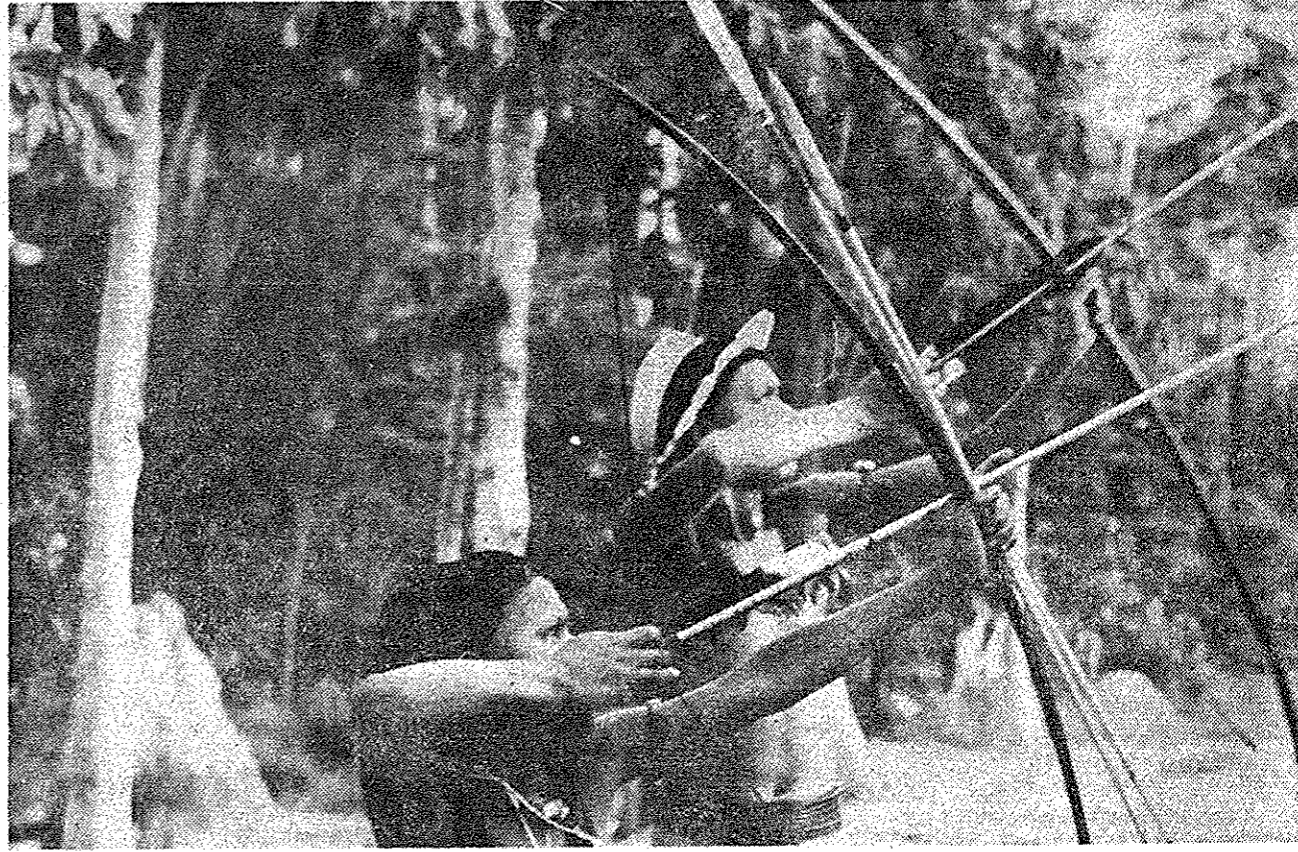


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Cinta larga 32
Data: 13.12.71 Pg.: 45



Invasão selvagem do branco põe em pânico cintas-largas

Goiania (Correspondente) — Os 5 mil cintas-largas das selvas de Rondônia são alegres, saudáveis e generosos, mas agora estão alarmados e perplexos — milhares de garimpeiros, colonos, seringueiros e caçadores profissionais desencadearam um clima de guerra e os silvícolas, para se defender, começam a atacar em todas as direções, como fizeram em relação ao posto avançado da Funai no rio Roosevelt.

Os depoimentos de todos os indianistas e sertanistas, consultados aqui, coincidem num ponto: é quase impossível evitar um confronto de armas em Rondônia, porque os invasores das terras indígenas estão abrindo espaço a poder de revólver e, também com medo, atiram até em sombra de árvores dentro da floresta, embora continuem a penetrá-la em busca de estanho, latex, madeiras e peles raras.

Mundo ébrio

— Os índios temem até os aviões que passam por cima e os chama de *coronaba*. Ninguém sabe o que significa *coronaba*, mas seguramente é um nome feio — disse em Goiania um membro da expedição Apoena de Meireles, que trabalha na pacificação dos cintas-largas.

Os cintas-largas vivem em 20 aldeias no território de Rondônia, numa área de 24 mil quilômetros quadrados, divisa com o Norte de Mato Grosso, nas faldas das serras da Providência e do Sargento Paixão, a sete dias de caminhada a pé a partir de Pimenta Bueno, na estrada Cuiabá—Pôrto Velho (BR 364). Viviam felizes até a estrada, falando um arcaico dialeto tupi, comendo mandioca e milho e bebendo *bedoopti*, uma bebida que eles mesmos fabricam com água e mel de abelha. Mas veio a estrada e a tranquilidade se perdeu.

Primeiro foram os colonos, geralmente organizados por firmas especializadas, que retalharam e venderam a área a sulistas corridos do minifúndio. Em seguida os caçadores de onça, que penetraram fundo na selva, para montar armadilhas com as quais aprisionar e matar principalmente jaguatirica. Depois foram os garimpeiros atraídos pela descoberta da cassiterita (veículo de estanho) em toda a região. Hoje os invasores são pelo menos 10 mil homens, que avançam armados sobre as faixas mais densas da floresta, sempre atraindo, por gosto e por medo, na sua fúria de penetração.

A criação do Parque Nacional do Aripuana, por ato do Governo, no ano passado, pretendeu conter esse processo e salvar do aniquilamento a tranquilidade dos índios, sem reversão do processo civilizatório desencadeado pela construção da Estrada Brasília—Acre (BR-364). Os choques foram inevitáveis. Os invasores chegaram a uma distância de 17 quilômetros das aldeias e numa dessas excursões atiraram contra um grupo de índios, ferindo na perna um garoto índio chamado Takanini. Numa segunda incursão, contaram outros índios, até querendo ajudá-los, transmitiram-lhes sarampo através dos alimentos.

Foi o início da guerra. Na tribo do chefe Noara, declarou-se que o sarampo era feitiço dos brancos. Foi o bastante para que os choques se iniciassem e se intensificassem. Um dos membros da expedição pacificadora da Funai, que viveu 22 meses na área dos cintas-largas, está convencido de que centenas de índios e invasores brancos morreram durante as dezenas de escaramuças registradas. "Seringalistas atacaram os índios até por avião", disse o expedicionário, "e é por isso que eles chamam os aviões pela palavra feia de coronaba."

Pacificação

Os trabalhos de pacificação desenvolvidos pela Funai foram iniciados em agosto de 1968, na área do Riozinho. Mas somente na execução

da estratégia do namoro foram gastos 11 meses, com a troca de presentes. A expedição era chefiada por Apoena de Meireles, filho de Chico Meireles, e integrada por um enfermeiro, uma enfermeira e um etnólogo, com a missão de assimilar a língua dos silvícolas para que se estabelecessem condições adequadas de comunicação.

— Foi uma das mais difíceis pacificações realizadas no país. Todos os intérpretes índios que levamos não conseguiram fazer se entender. Tivemos que começar a aprender a língua dos cintas-largas, um arcaico dialeto tupi, a partir do zero — disse ao JORNAL DO BRASIL o etnólogo da expedição.

Depois de um ano do lançamento do projeto pacificador, foi realizado um progresso razoável: os índios levaram mulheres e filhos para um encontro com Apoena, o etnólogo e os enfermeiros, na área neutra do Riozinho, aceitando os primeiros remédios oferecidos. Mas foi somente no último mês de outubro que os cintas-largas permitiram aos expedicionários visitar uma de suas aldeias, o que foi feito após dois dias de caminhada a pé dentro da selva, a partir do posto Sete de Setembro. E' o etnólogo quem conta:

— Somente agora em outubro, dois anos e meio após o primeiro contato, é que os índios convidaram Apoena e alguns dos seus mais antigos auxiliares a visitar as suas grandes e bonitas aldeias. Essa visita foi uma verdadeira festa de confraternização e os visitantes foram recebidos com grande carinho, com todas as homenagens e muitos presentes como sinal de alegria.

O massacre

A partir desse feito, Apoena de Meireles estabeleceu o núcleo avançado do rio Roosevelt, — 70 quilômetros das principais aldeias dos chefes Noara, Itxerkoba e Dikimoia. Isolado na selva, o posto começou a se relacionar amistosamente com os índios, mas sempre pressionado pelo nervosismo das aldeias, resultante da penetração dos garimpeiros, caçadores, seringueiros e colonos. Ao agravamento da tensão se atribuiu o massacre do jornalista e sertanista Possidônio Bastos, do funcionário da Funai Acrísio de Lima e da índia aculturada, e a destruição das cinco casas a poder de fogo, no fim do último mês. Segundo o etnólogo da expedição, "sem dúvida foi isso um revide dos índios pela invasão de suas terras por centenas de colonos da firma Itaporanga e por centenas de garimpeiros. Todavia, vingaram-se os índios sacrificando os seus melhores amigos e reais protetores."

A área virtualmente conflagrada. Agora, segundo os depoimentos, os invasores continuam penetrando na floresta e, com medo, estão dispostos a atirar a qualquer movimento de mata. Enquanto isso, os índios mantêm-se tensos e teme-se até um ataque ao posto-base da Expedição Cintas-Largas, o posto Sete de Setembro, a 100 quilômetros das aldeias.

Progresso

Até agora a expedição só conseguiu contato, e assim mesmo precário, com um quinto dos índios. Todavia, a Funai considera que os trabalhos estavam progredindo satisfatoriamente até o massacre do mês passado. E' o etnólogo quem diz:

— Os trabalhos de pacificação estavam progredindo muito bem e os índios visitavam frequentemente o posto base Sete de Setembro, e o sub-posto do rio Roosevelt, trocando flechas e outros apetrechos por ferramentas e recebendo de presente machados, facões e facas. Apoena e seu pai Chico Meireles receberam demonstrações de carinho por parte de cerca de mil índios, nas aldeias dos chefes Noara, Itxarcoba e Dikimoia, que são os que já tiveram a coragem de se comunicar com os pacificadores civilizados.

— Os índios agora — continua — já estavam tendo grande confiança, entrando no posto sem levar as suas armas e levando os seus filhos pequenos e mulheres, o que fizeram após um período de mais de 14 meses. Os expedicionários já estavam, agora, aprendendo a língua dos índios e eles lentamente estavam absorvendo as palavras mais importantes de nossa língua.

— Todavia, é com grande preocupação que os chefes da expedição cintas-largas vêem que de Pimenta Bueno e do Riozinho se faz uma verdadeira invasão das terras ricas dos índios. Grandes contingentes de caçadores de gado, seringueiros e garimpeiros, que antigamente respeitavam os índios pelo fato de serem hostis, agora, com a pacificação feita pela Funai, começam a invadir as suas terras. Qualquer dia haveria hostilidades entre invasores e índios e isso já era esperado porque os índios fatalmente se tornariam hostis de novo e todo o trabalho da Funai seria perdido. Atacariam, naturalmente, o ponto mais fraco, que são os postos avançados da penetração e foi o que aconteceu.

Fortes e belos

Os 5 mil índios que vivem nas 20 aldeias da área do rio Roosevelt formam várias tribos que falam línguas diferentes e se hostilizam reciprocamente. O único traço comum é o cinto largo que usam. As escassas verificações feitas até aqui indicam que eles pertencem a ramos culturais diferentes. O nome cinta-larga é uma racionalização adotada pela Funai, embora infirmada da diversidade de tribos. Os índios contactados até agora, os mesmos que num contingente de 200 guerreiros atacaram o posto do rio Roosevelt, chamam a si mesmos de gamebas. Em outra aldeia, os silvícolas informaram chamar-se Namir Kouxira.

Vivem em aldeias altamente concentradas e ocultas na selva. As habitações são coletivas, em forma retangular e, nas guerras entre tribos, mantêm o hábito de roubar as mulheres bonitas e os meninos sadios. Admite-se que o início do processo guerreiro se deu por disputa de território e áreas de caça. São essencialmente caçadores e, quando pescam, geralmente com plantas tóxicas (têm um timbó extraído da casca de uma árvore), só aproveitam alguns espécies de peixes. Não bebem água dos rios, mas só de fontes da selva e, além da bebida feita com a adição de mel, fabricam uma espécie de cerveja, bem fermentada, à base de milho e mandioca.

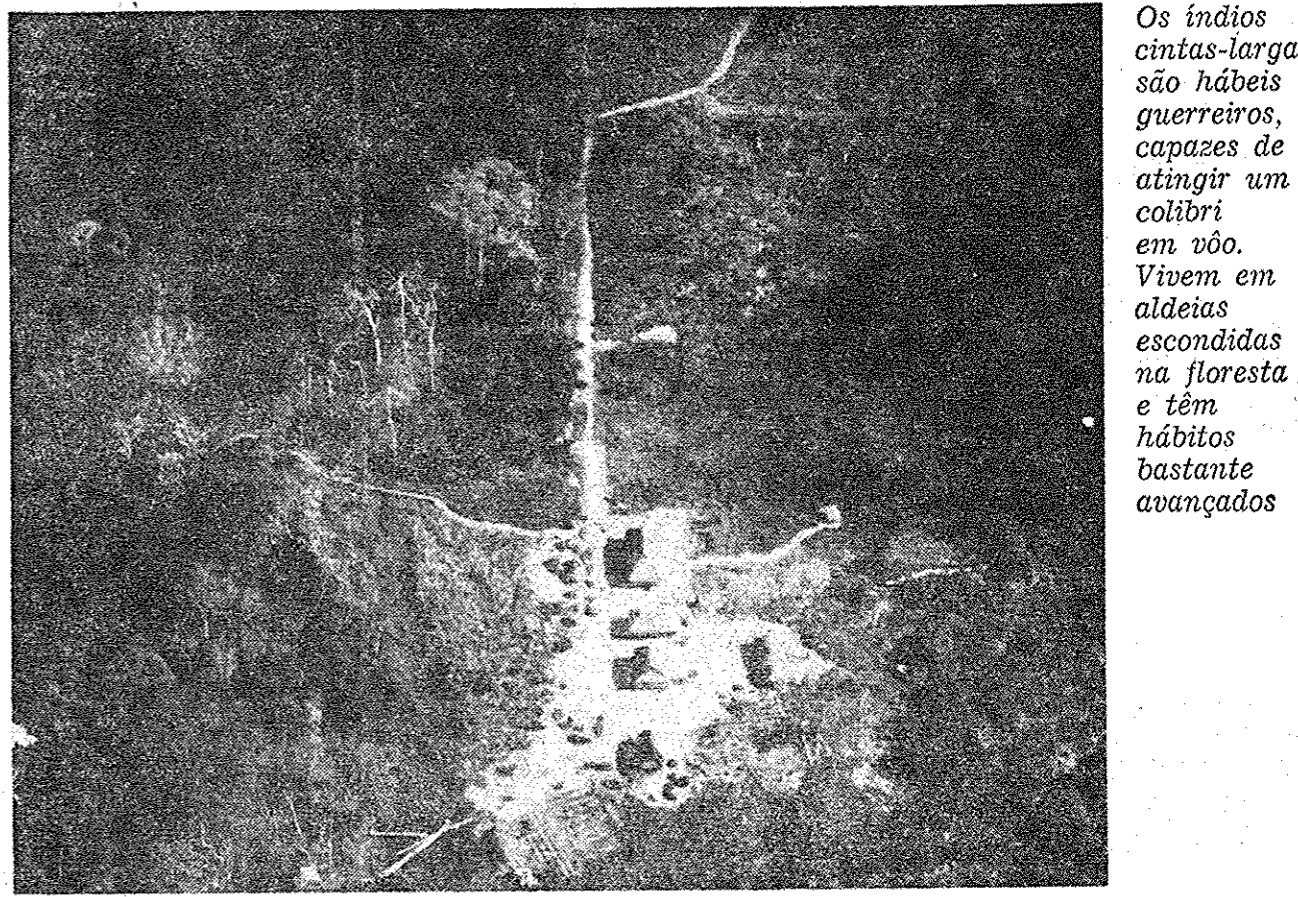
O sistema de pajelança é fechado e rígido. Todos os pajés (ixtiova) usam colares com pedras, "para proteger o índio dos brancos", segundo o chefe Noara. As aldeias são extremamente limpas, contruídas com tijolos que eles mesmos fazem.

— A cerâmica dos cintas-largas é bastante evoluída — disse ao JB o etnólogo da expedição. Usando machado de pedra, plantam milho, mandioca, batata e cará. Depois dos primeiros contatos com os brancos, recebendo sementes e mudas, começaram a introduzir a banana, a cana e o mamão.

— Detestam sal e aderiram irresistivelmente à banana. Não comem o cru, fazendo fogo à base do atrito de dois paus. A caça pretilleta é o porco, principalmente. Segundo o etnólogo, os cintas-largas são belos, ágeis, fortes, inteligentes e generosos.

— Eu vi meninos de quatro anos ordenar à noite aos pais, fortes guerreiros, que se levantassem para pegar-lhes água. E os pais se levantavam sorrindo para apanhar água e beijar o filho — disse o etnólogo, impressionado com o romantismo dos cintas-largas, "essencialmente bons, até magnânimos."

Eles são exímios guerreiros. Atingem com a flexa um colibri voando ou uma caixa de fósforo a 15 metros de distância. Esta informação já foi passada aos invasores da área.



Os índios cintas-largas são hábeis guerreiros, capazes de atingir um colibri em voo. Vivem em aldeias escondidas na floresta e têm hábitos bastante avançados